

Concílio de Éfeso: (Gálatas 4:4; Lucas 1:43) A Mãe do Meu Senhor: Como o Concílio de Éfeso Defendeu a Pessoa Única de Cristo

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Estudos Bíblicos | Data: 15/11/2025 21:36

1. A Questão Pós-Niceia: Se Jesus é Deus, Como Ele é Homem?

O Concílio de Niceia (325 d.C.) havia selado a doutrina fundamental: Jesus Cristo é "Deus verdadeiro de Deus verdadeiro", da mesma substância do Pai (*homousios*). A heresia ariana, que O via como uma criatura, foi condenada.

No entanto, ao afirmar categoricamente a **plena divindade** de Cristo, Niceia abriu uma nova e inevitável questão teológica. Se Ele é 100% Deus, como podemos entender a Sua **plena humanidade**, que as Escrituras também afirmam tão claramente?

"Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem."
(1 Timóteo 2:5, Almeida Revista e Atualizada)

"E o Verbo se fez carne e habitou entre nós..." (João 1:14, ARA)

A Igreja agora enfrentava o desafio de explicar como essas duas naturezas—divina e humana—coexistiam em Jesus. Como o Deus infinito, que sustenta o universo, pôde ser um bebê indefeso em uma manjedoura? Como o Deus onisciente pôde, como homem, "crescer em sabedoria" (Lucas 2:52)?

Duas tendências perigosas começaram a surgir:

1. Alguns (como os Apolinarianos) enfatizavam tanto a divindade que acabavam *diminuindo a humanidade de Cristo*, sugerindo que o *Logos* (o Verbo) divino teria tomado o lugar da mente ou alma humana.
2. Outros, tentando preservar a distinção das naturezas, corriam o risco de *separá-las* a ponto de transformar Cristo em duas pessoas diferentes.

Foi esta segunda tendência, levada ao extremo por um homem chamado Nestório, que incendiou o debate e tornou o Concílio de Éfeso uma necessidade urgente.

2. A Controvérsia de Nestório e o Título *Christotokos* (Mãe de Cristo)

A crise eclodiu em 428 d.C., quando **Nestório** foi nomeado Patriarca de Constantinopla, a capital do Império. Ele era um pregador eloquente da escola de Antioquia, uma tradição teológica que, em sua ânsia de proteger a humanidade de Cristo, tendia a enfatizar a *distinção* entre as naturezas divina e humana.

Nestório levou essa ênfase a um extremo perigoso. Ele ensinava que em Cristo havia duas naturezas tão distintas que eram, na prática, **duas pessoas** (em grego, *prosopoi*) separadas.

Segundo ele, havia o "homem Jesus" (nascido de Maria) e o "Logos divino" (o Filho de Deus). Essas

duas pessoas estariam unidas apenas por uma "conjunção" moral ou uma "habitação", como se o Logos divino morasse no homem Jesus da mesma forma que Deus habita nos santos, embora em um grau muito maior.

Essa visão teológica teve uma consequência imediata e pública: a rejeição do título **Theotokos** (em grego, "Portadora de Deus" ou "Mãe de Deus"), que já era usado na devoção popular e nos escritos da Igreja há gerações.

Nestório argumentava:

"Maria não deu à luz a Divindade... Ela deu à luz um homem que era um instrumento para a Divindade."

Ele insistia que ela deveria ser chamada apenas de **Christotokos** ("Mãe de Cristo" ou "Mãe do homem Jesus"). Para ele, chamar Maria de "Mãe de Deus" era uma blasfêmia pagã, como se um ser humano pudesse gerar o Criador eterno.

O que Nestório não percebeu é que a maternidade se refere à *pessoa*, não à *natureza*. Uma mãe não dá à luz apenas um "corpo humano", mas uma "pessoa humana". Se em Cristo houvesse duas pessoas, Nestório estaria certo. Mas se Cristo é uma **Pessoa única**, então Maria é Mãe dessa Pessoa.

A pregação de Nestório causou um escândalo imediato, pois o povo simples entendeu o que os teólogos confirmariam: se Maria não é a Mãe de Deus, então o Filho que ela carregou não é Deus. Isso minava a própria essência do Evangelho.

"Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei..." (Gálatas 4:4, ARA)

A Escritura diz que Deus enviou "seu Filho", e este Filho foi "nascido de mulher". O sujeito que nasceu de Maria era o Filho eterno de Deus.

3. A Defesa de Cirilo: **Theotokos (Mãe de Deus) Como Chave da Salvação**

Do outro lado do Mediterrâneo, **São Cirilo, o Patriarca de Alexandria**, ouviu os ensinamentos de Nestório com alarme. Cirilo vinha da tradição teológica alexandrina, que sempre enfatizou a *unidade* de Cristo e o mistério de que foi o próprio *Logos* (o Verbo) divino quem "se fez carne".

Para Cirilo, a recusa de Nestório em chamar Maria de *Theotokos* não era uma pequena disputa sobre títulos; era um ataque direto ao coração do Evangelho e à **certeza da nossa salvação**.

O argumento de Cirilo era poderosamente soteriológico (focado na salvação). Ele se baseava no princípio estabelecido pelos pais da Igreja anteriores: **"Aquilo que não é assumido [por Deus] não pode ser curado [salvo]."**

1. **Se Cristo fossem duas pessoas separadas** (um homem Jesus e um Deus Logos), como Nestório sugeria, então a natureza humana que morreu na cruz seria *apenas* a de um homem. A morte de um simples homem, mesmo um homem perfeito, não teria poder para salvar toda a humanidade.
2. **O Logos divino não poderia nos salvar "à distância".** Para redimir nossa natureza humana caída, o Filho de Deus teve que *assumi-la* para Si mesmo, unindo-a

inseparavelmente à Sua própria Pessoa divina.

Portanto, o bebê no ventre de Maria era, desde o primeiro instante, a **Pessoa única do Filho de Deus** habitando uma natureza humana que Ele tomou dela.

Cirilo argumentou que o título *Theotokos* (Mãe de Deus) era a muralha que protegia essa verdade.

- Não significa que Maria é a origem da Divindade de Cristo (que é eterna).
- Significa que a Pessoa que ela gerou em sua humanidade é Deus.

A prova bíblica mais clara para Cirilo veio da inspiração do Espírito Santo na boca de Isabel, que, ao saudar Maria, exclamou:

"*Donde me vem esta honra de vir a mim a mãe do meu Senhor?*" (Lucas 1:43, Almeida Revista e Atualizada)

Naquele tempo e contexto, o título "Senhor" (*Kyrios*) era usado inequivocamente para se referir a Deus (Yahweh). Isabel, cheia do Espírito, não a chamou de "mãe do meu mestre" ou "mãe do profeta", mas "mãe do meu Senhor".

A batalha teológica estava definida. De um lado, Nestório, com sua visão de duas pessoas separadas (*Christotokos*). Do outro, Cirilo, com a fé na Pessoa única da Encarnação (*Theotokos*).

4. A Resolução de Éfeso: A Afirmação da "União Hipostática"

No ano de 431 d.C., o Imperador Teodósio II convocou o Terceiro Concílio Ecumênico na cidade de Éfeso. O clima era tenso e a política eclesiástica era complexa, mas a questão teológica era clara e urgente.

Sob a forte liderança de São Cirilo de Alexandria, o Concílio agiu rapidamente. Eles revisaram os ensinamentos de Nestório, comparando-os com a fé estabelecida em Niceia e com os testemunhos dos pais da Igreja.

A conclusão foi esmagadora: a doutrina de Nestório, ao dividir Cristo em duas pessoas (uma divina e uma humana), era uma negação da Encarnação. Ela destruía a ponte entre Deus e a humanidade, pois se fosse apenas o "homem Jesus" que sofreu e morreu, estaríamos perdidos.

O Concílio de Éfeso condenou solememente os ensinamentos de Nestório como heréticos. Em sua decisão, o Concílio afirmou e ratificou o título que estava no centro da disputa: **Maria é, e deve ser chamada, *Theotokos* (Mãe de Deus)**.

Esta proclamação não foi uma exaltação de Maria acima de Deus, mas a defesa teológica da identidade de Jesus. Ao chamá-la de *Theotokos*, a Igreja declarou para sempre que:

Jesus Cristo é uma única e indivisível Pessoa.

Nessa única Pessoa Divina (o Filho eterno de Deus), coexistem duas naturezas perfeitas e distintas — uma Divina e uma Humana — sem confusão, sem mudança e sem separação.

Este mistério profundo recebeu o nome teológico de **"União Hipostática"**. *Hipóstase* é o termo grego para "pessoa" ou "subsistência". A União Hipostática significa que a natureza humana foi

unida à Pessoa (Hipóstase) divina do Filho de Deus no momento da concepção.

O Concílio de Éfeso, portanto, garantiu que o Cristo que adoramos é o mesmo que foi profetizado, o mesmo que nasceu em Belém e o mesmo que morreu no Calvário. Não adoramos um homem que "se tornou" divino, nem um Deus que "fingiu" ser homem. **Adoramos o Deus-Homem, Jesus Cristo**, o Verbo que se fez carne — nosso único Senhor e Salvador.

1700 ANOS DO CONCÍLIO DE NICÉIA: PE. EDUARDO, STHATIS E SAYÃO - Inteligencia Ltda.
Podcast #1698, https://www.youtube.com/watch?v=Sh6L3n2V1_4

Documento gerado em 04/02/2026 06:00:43 via BeHOLD

BeHOLD